

# humanitas



Vol. LXIII  
2011

mo”. De igual modo, anota Rosado Fernandes que a “aventura da Sicília lembra as imprudentes invasões da Rússia, levadas a cabo, com sinistros resultados, por Napoleão e Adolfo Hitler... Quanto à história portuguesa pode lembrar-se a trágica campanha de Alcácer Quibir, no Norte de África” (p.36) ou “as partidas de tropas para a guerra, no caso português, por exemplo, para a guerra do Ultramar” (p.50). A chacina dos Mélios é comparada a idênticas mortandades no Vietname, no Camboja ou entre os Cátaros da Provença, com a anotação de que “foram os mais fortes que fizeram a matança” (p.23). Tão pouco admira que, a par de personalidades antigas tão peculiares e famosas como Péricles, Cléon, Nícias, Alcibíades, apareçam Churchill, Isabel I, Kennedy, Salazar e Saddam Hussein, entre outros. E se a decisão de Péricles de criar uma força naval evoca o investimento da Inglaterra na Royal Navy, o discurso de Cléon contra a revolta de Mitilene, que propõe abafar com um banho de sangue para evitar o precedente que abalaria o imperialismo ateniense, logo traz à lembrança o discurso do Presidente do Conselho português a propugnar que Goa fosse defendida até ao último homem. “Ele sabia que o precedente da negociação da entrega de Goa significava o fim do Império” (p.43).

Sirvam estas observações breves, que não menosprezam as excelentes considerações mais especializadas sobre o estilo, as fontes e a recepção de Tucídides, para mostrar como o Prof. Rosado Fernandes soube demonstrar que a leitura de um clássico, além de um prazer em si, é uma fonte de ensinamento para a actualidade. É que, quanto ao Homem, apesar do passar de tantos séculos, “nem por isso a sua Natureza mudou” (p.4 do Prefácio).

FRANCISCO DE OLIVEIRA

VASCONCELOS, José Carlos (comissário), *Encontro Internacional. Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas num Universo Globalizado*, Lisboa, União Latina, 2010.

Sob a égide da União Latina e com comissariado de José Carlos de Vasconcelos, decorreu, em Lisboa, a 25 e 26 de Outubro do ano passado, um Encontro Internacional sobre o papel da Língua Portuguesa e das culturas que dela derivam, no mundo contemporâneo. Ainda não tinham passado dois meses sobre a realização do evento e já as Actas vinham a público, contendo, em alguns casos, a versão escrita das intervenções (original ou

refundida) e, noutros, apenas a transcrição das comunicações orais, com tudo o que isso implica de limitações mas também de autenticidade.

A oportunidade do tema é indesmentível e aparece desde logo sublinhada no ponto de partida que figura na Introdução do volume: apesar da sua importância como língua oficial de 8 países, num total de mais de 230 milhões de falantes, a Língua Portuguesa não detém o relevo que poderia ter no plano internacional, em domínios como a Economia, a Cultura, a Política internacional, etc.

São muitas as circunstâncias que podem invocar-se para ilustrar esta situação de carência (fraca produção de conteúdos na internet e nas redes audiovisuais em geral, escassa presença nas bases científicas, subalternidade nos *fora* internacionais). Se quisermos apontar um exemplo que comprova isto mesmo, bastará lembrar o caso do acordo recentemente celebrado entre o Governo Português e um conjunto de entidades internacionais (FMI, UE e BCE): originariamente redigido em Inglês (como é natural), foi necessário que passassem várias semanas e um conjunto significativo de controvérsias sobre os conteúdos acordados, para que surgisse uma versão em Português: uma das línguas mais antigas da Europa, a 6<sup>a</sup> Língua mais falada do mundo e, para além disso, o idioma matricial dos cidadãos afectados pelos efeitos das medidas previstas no documento.

Foi sobretudo para falar do desencontro entre o que a Língua Portuguesa é e aquilo que pode vir a ser que se convocou esta reunião, congregando participantes vindos de domínios muito variados, confluindo em torno de 4 temas: “A Língua Portuguesa no mundo”, “Diáspora e emigração”, “Valor económico da Língua Portuguesa” e “Ciberespaço lusófono, como forma de difusão e divulgação da língua – Internet e novas tecnologias”. Para além das intervenções ocorridas no âmbito de cada um destes painéis (16 ao todo) houve ainda lugar para duas conferências: uma de abertura, que esteve a cargo de Manuel Maria Carrilho, então Embaixador de Portugal na Unesco, e Alberto Costa e Silva, Embaixador e membro da Academia Brasileira de Letras.

Logo na conferência inaugural, Manuel Maria Carrilho (citando Carlos Reis) apela à superação da “retórica triunfalista” da Língua, como se ela pudesse compensar outro tipo de perdas ou eternizar uma atitude colonial descabida. Na contraface deste registo, situa-se uma realidade inequívoca: “...é da maior importância reconhecer que o critério do peso mundial de uma língua não é dado pelo seu número de falantes (como muitas vezes parece pensar-se), mas pelo espaço que ela ocupa na cena

global e sobretudo pelo seu grau de difusão” (p.40). E, mais à frente, depois de se insurgir contra o uso, cada vez mais corrente por parte de agentes políticos nacionais, do “portunhol”, do “franciú” ou do “bad english”, Carrilho refere-se oportunamente à necessária complementaridade entre o valor económico da Língua (o seu valor nas relações externas ronda os 17% do PIB) e a sua importância cultural: “É que se o negócio anima o momento só o fio da história retoma as raízes e garante o futuro (...) a alavanca da língua portuguesa está, na verdade, fora dela: está na literatura, no cinema, no teatro, na música, no audiovisual, etc.” (p.42).

1. Já no âmbito do primeiro painel, Ana Paula Laborinho (actual Presidente do Instituto Camões) refere-se ao Português como “bom produto de exportação” (p. 55), advogando uma diferenciação de estratégias em função das regiões consideradas e destacando o Oriente (Índia e China) como espaço prioritário de actuação. No mesmo quadro, Adriano Moreira refere-se à necessidade de racionalizar o “novo pluralismo mundial”, defendendo a ideia de que cabe às Línguas não hegemónicas (é o caso do Português) fazer prevalecer o respeito pela diferença, que considera essencial na preservação da justiça e da paz.

A fechar este painel, Graça Gomes haveria de colocar em relevo a importância de uma unificação ortográfica na almejada transformação do nosso idioma em “Língua de Documentação das Nações Unidas”.

2. No âmbito do painel consagrado à Emigração e à diáspora e depois de Eduardo Lourenço (que em outros lugares muito reflectiu sobre estes mesmos temas) se ter referido aos efeitos de politização sentidos pelos emigrantes portugueses que foram acolhidos em França, nas décadas de 60 e 70, Onésimo Teotónio de Almeida convocou o caso das comunidades portuguesas nos Estados Unidos e no Canadá (mais dispersas e menos visíveis do que em outros países), salientando depois o escasso investimento feito pelo Brasil no reforço da presença da Língua e das culturas lusófonas no mundo. Ressalva, todavia, a este propósito, a esperançosa actividade de algumas Universidades, que na América do Norte vão dando guarida crescente à lusofonia.

O Embaixador Seixas da Costa manifestou o seu pessimismo no que diz respeito ao ensino do Português em França. Referiu-se ao ensino pré-universitário, que integra cerca de 130 professores, numa rede que considera demasiado “solta”, sem coordenação eficaz e sem mecanismos apropriados de controle no que toca à avaliação de desempenho dos docentes. O mesmo sucede com o ensino do Português nas Universidades francesas, lembrando

que raras vezes a área consegue separar-se da órbita hispânica, com tudo o que isso envolve de subalternidade no Ensino e na Investigação.

Por sua vez, Helder Macedo opta por focar a história da implantação do Português no mundo para destacar a necessidade de os portugueses tomarem consciência de que “não constituem apenas uma cultura regional dentro da Europa” fazendo também parte de um “multifacetado internacionalismo” pluriidiomático, que deverá servir de contraponto a um outro modelo de globalização, feito de hegemonias (também culturais e linguísticas).

3.O terceiro painel (que se ocupou do valor económico da Língua) contou com intervenções de David Ferreira (sobre a difusão da música popular e da importância que neste domínio vão tendo alguns nomes que compõem em Português), Renato Borges de Sousa, que se ocupou da necessidade de corresponder à motivação para aprender português de alguns sectores profissionais (designadamente os que se encontram ligados ao turismo), Pedro Norton, que acredita que as novas tecnologias devem ser mais utilizadas na implantação do Português, Paulo Teixeira Pinto, que, começando por inventariar números, concluiu que “a língua, enquanto ferramenta do espírito, é (...) o verdadeiro processador da nossa capacidade de pensar” (p.146) e Estêvão de Moura que, em nome da Imprensa Nacional/Casa da Moeda, enunciou o propósito de “continuar o trabalho de promoção da língua (...) privilegiando as relações com os países da CLP e o desenvolvimento de redes como a do Fórum dos jornais de Língua Portuguesa” (p.154).

4.O quarto e último painel contou com a intervenção de Gilvan Muller que, em nome do Instituto Internacional de Língua Portuguesa (criado em 1989 e sediado em Cabo Verde), deu conta de algumas iniciativas em curso, (Conferências internacionais, sobretudo), envolvendo organismos científicos dos diferentes países; por sua vez, Afonso Camões apresentou um conjunto de propostas de suporte tecnológico, contemplando, entre outras, a partilha de bases logísticas em territórios estrangeiros ou o lançamento da bienal dos *media* de expressão lusófona.

5.O Encontro terminou com a conferência de Alberto Costa e Silva que, entre outras observações, deu conta de um fenómeno curioso: enquanto há 20 anos, dois mil alunos estudavam Português no Centro Brasileiro de Buenos Aires, esse número desceu actualmente para menos de metade. Ao contrário do que poderia supor-se, todavia, essa drástica diminuição não resultará de um menor interesse dos argentinos pela nossa Língua, ficando

apenas a dever-se ao facto de ter aumentado o número de escolas públicas e privadas a ensiná-la.

6. Para além das comunicações verificadas ao longo dos dois dias do Colóquio, o volume inclui ainda um conjunto de 16 Recomendações (também acessíveis no endereço [http://dtil.unilat.or/coloquio\\_lingua\\_pot/Recomendacoes.htm](http://dtil.unilat.or/coloquio_lingua_pot/Recomendacoes.htm)). Algumas resultam de propostas efectuadas ao longo do Encontro: fomento do uso da Língua Portuguesa no seio das entidades internacionais, aproximação aos espaços linguísticos próximos – constituídos por línguas românicas e, em particular, aos vizinhos naturais de Portugal e do Brasil, utilização da Língua Portuguesa em todas as ocasiões públicas, sobretudo nas que se enquadram em palcos internacionais, instituição de quotas mínimas de difusão de música e produção audiovisual em Língua Portuguesa nos “media” nacionais. Outras medidas, porém, revelam-se mais ambiciosas e requerem inclusivamente a intervenção de instituições académicas. Penso, sobretudo, na constituição de um fundo comum de terminologias técnico-científicas ou na elaboração de uma gramática única da língua portuguesa, capaz de reflectir as características de todos os países que compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

7. A utilidade desta iniciativa da União Latina (organismo internacional fundado, em Madrid, no ano de 1954) é inquestionável, distinguindo-se de outras levadas a cabo, na mesma área, pela vertente prática que envolve. Isso não significa, naturalmente, que algumas das Recomendações não possam ser objecto de reservas. De facto, sendo manifesto, como reconhecem vários participantes, que à importância extensiva da Língua Portuguesa não corresponde uma política concertada, visando a consolidação do idioma nas comunidades portuguesas, nas novas sedes de comunicação e nas instâncias supranacionais é discutível que esse objectivo se alcance, por exemplo, “obrigando” os agentes políticos nacionais a usarem sempre o Português, mesmo quando se encontrem em contexto de comunicação internacional. Por outro lado, no cômputo de um Encontro desta dimensão, sentimos ainda a falta de um painel que efectuasse a ligação entre os planos da Língua, da Cultura e do Ensino, tomando como referência a situação existente noutros países. Falo designadamente do Ensino da Literatura que, no estrangeiro (e não só nos meios universitários), constitui, muitas vezes, o suporte ou o ponto de partida para o interesse pela Língua.

Por fim, e embora o Encontro fosse directamente orientado para a presença do Português no mundo, não teria sido despidiendo que alguém

tivesse aflorado a situação da Língua nos países onde ela é falada como idioma materno. Como bem sabemos, são muito variadas as situações observáveis nos diferentes países lusófonos. Mas é notório que mesmo em Portugal, onde a Língua primeiro se consolidou, muito há a fazer no plano do Ensino formal e no plano cívico para que, com sentido de ponderação e eficácia, seja seguido o velho lema humanista de António Ferreira, então proclamado em contexto emancipatório: “Floresça, fale, cante, ouça-se e viva/A portuguesa língua/ E já onde for/Senhora vá de si, soberba e altaiva”.

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES

WILMER, S. & ŽUKAUSKAITĖ, Audronė (Ed.), *Interrogating Antigone in Postmodern Philosophy and Criticism*, Oxford University Press, 2010, 429 p.

When preparing an international conference on Antigone in 2006 (6-7 October), Steve Wilmer (School of Drama, Trinity College, Dublin) opened his ‘Call for Papers’ by Hegel’s famous indictment of Antigone: ‘Womankind ...the everlasting irony of the community’ and added that ‘she has been seen as a feminist, a terrorist, a model for resistance against oppression, a self-destructive ideologue, an exponent of feminine desire, and a victim’. Four years later, Oxford University Press publishes the Acta of this colloquium edited by Steve Wilmer and Audronė Žukauskaitė under the title ‘Interrogating Antigone in Postmodern Philosophy & Criticism’ (a choice within the colloquium papers and some new ones).

Published in the series ‘Classical Presences’ directed by Lorna Hardwick and James I. Porter, one of the most important initiatives in the realm of the reception of Classics, this book really is a *magnum opus* on the contemporary presence of the Antigone theme. Predominantly, it uses recent poststructuralist (I would prefer ‘poststructuralist’ in the title over ‘postmodern’) tenets and principles to discuss what has been called ‘one of the most important cultural texts in Western civilization’ and contains major statements in current cultural discourse, written by (notoriously) controversial theorists as Lacan, Irigaray, Derrida, Žižek, Butler, Ettinger, or Eagleton. The intellectual positions they occupy include philosophy, political theory, psychoanalysis, feminism, theatre, performance studies and classics, a plethora of disciplines that testifies to a multilayered attention